

PARANÁ E O REFLEXO DO MODERNO: UMA FONTE DE ESTUDOS PARA A ARQUITETURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX

FEIBER, Fúlvio Natércio¹
FEIBER, Silmara Dias²

RESUMO

No âmbito da teoria e história da arquitetura moderna o presente artigo visa apresentar as reflexões iniciais do trabalho de pesquisa em andamento, bem como instigar e apontar de que maneira a Arquitetura e Urbanismo Modernos no Paraná se fazem presentes na raiz dos processos identitários do Estado. Desta forma buscou-se compilar um panorama geral da história e forma de construção da paisagem moderna do lugar Paraná em particular no século XX. Com este intuito organizou-se os conteúdos do artigo de modo a relatar os principais acontecimentos e atores no contexto nacional e internacional que influenciaram e colaboraram para a produção arquitetônica e definição do desenho de ocupação do espaço territorial ocorridos no Estado. Para isto segmenta a pesquisa em título que migram da contextualização mundial até as manifestações ocorridas especificamente no interior paranaense. Manifestações estas que por vezes foram comandadas por empresas de iniciativa privada com apoio do poder público. Ao final é apresentado algumas considerações na expectativa que possam contribuir a futuras investigações acadêmicas promovendo subsídios para a compreensão das manifestações históricas ocorridas no território paranaense.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura brasileira, arquitetura moderna, Paraná

PARANÁ AND THE MODERN RELEX: A STUDIES SOURCE FOR 20TH CENTURY BRAZILIAN ARCHITECTURE

ABSTRACT

In the theory and modern architecture history scope this article aims to present the initial reflections of the current research work, as well as instigate and point in what way the modern architecture and urbanism in Paraná are present in the state identity process route. This way, it was tried to compile a general panorama of modern landscape construction way and history of Paraná place particularly in 20th century. With this intention it was organized the article content so it can relate the main events and international and national context actors that influenced and collaborated to the architectural production and territorial spaces occupation design definition occurred in the state. For this the research is segmented in titles which migrate from worldwide contextualization to manifestations specifically occurred in the Paraná country town. Manifestations these that sometimes were controlled by private companies with the government support. At last, is presented some considerations in the expectation that may contribute for future academic investigations promoting subsidies to the historical manifestations understanding occurred in the Paraná territory.

KEYWORDS: brazilian architecture, modern architecture, Paraná

1 INTRODUÇÃO

A arquitetura e os processos de ocupação territorial desenvolvidos no Brasil entre o final dos anos de 1920 e término da década de 1970 são, frequentemente, tidos como uma manifestação particular do Movimento Moderno. No caso das obras arquitetônicas, estas são entendidas como de maior expressão plástica se comparadas as desenvolvida na Europa e Estada Unidos no mesmo período. Este fato comumente acarreta a ela a denominação de “barroca”, em especial quando relacionada à arquitetura produzida entre início dos anos 40, pela materialização da Pampulha até início dos 60, com a construção de Brasília, sob expressiva influência do arquiteto carioca Oscar Niemeyer.

Estas manifestações correspondem a uma produção decorrente de profissionais intelectualizados e idealistas que buscam suas motivações criativas e desenvolvimento técnico na base da transformação do país e da própria sociedade. No âmbito da produção arquitetônica e urbanística brasileira as intervenções ocorridas no Estado do Paraná, mostram-se como uma fonte de pesquisa para a compreensão do Movimento. Neste, o ideal progressista, aliado à vontade política e interesses privados, pôde colaborar na materialização de obras nos âmbitos da arquitetura e do urbanismo. Soma-se ainda o trabalho pioneiro e de formação dos primeiros arquitetos ali instalados que colaboraram com as transformações físicas espaciais em todo o Estado, numa vontade pujante de colaborar com a construção da paisagem paranaense.

Com essas considerações iniciais, o presente trabalho, recorte de pesquisa em desenvolvimento pelos autores no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz – CAUFAG, intitulada “O Legado da Utopia Moderna na Construção da Paisagem Paranaense”. Neste sentido pretende organizar um quadro geral dos processos ocorridos no Paraná, bem como das principais manifestações e atores envolvidos. Sabe-se que, ao final, esta pesquisa não estará encerrada, pois se acredita que sua contribuição pode analogamente ser comparada à ponta de um iceberg no qual sua grande massa apresenta-se ainda submersa a espera de ser descoberta e desvendada. Porém, no intuito de dar início a esta discussão este artigo se dispõe a dar os primeiros passos na busca do saber e geração de conhecimento que será propagado em forma de publicações e demais meios possíveis dentro da academia.

¹ Curso de Arquitetura e Urbanismo – CAUFAG. Doutor em Engenharia de Produção, área de concentração: Ergonomia – UFSC - fulvio@fag.edu.br; ffeiber@gmail.com

² Curso de Arquitetura e Urbanismo – CAUFAG. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFPR - silmaradias@fag.edu.br; sdfeiber@gmail.com

2 O MODERNISMO E SUA HISTORICIDADE

Zein (2003) afirma que a história não pode ser uma coletânea de fatos estáticos ilustrando um passado por vezes glorioso, mas antes um instrumento de trabalho à atuação profissional do arquiteto. Portanto, esta *ferramenta* chamada história foi aqui organizada de tal forma a colaborar para o entendimento do tema em sua totalidade. Portanto, no âmbito da história e teoria da arquitetura pode-se dizer que o modernismo é uma resposta, no século XX, das transformações decorrentes da sociedade industrial originada nos XVIII e XIX. Ao passo que as mudanças culturais foram acompanhadas por novas necessidades como de habitação coletiva, sistemas de transporte e áreas verdes entre outras, surgem as primeiras propostas alternativas para uma sociedade urbana em franco crescimento. Neste processo de transformações, já no século XX, há a procura por uma linguagem capaz de retratar a realidade aliada às novas possibilidades técnico-construtivas, como a estrutura metálica ou o concreto armado, refletida principalmente nos trabalhos dos arquitetos Walter Gropius, Mies van der Hohe e Le Corbusier na Europa e do norte americano Frank Lloyd Wright. Estes nomes passam a ser conhecidos na literatura especializada como “os Quatro Grandes”, uma vez que é a partir deles que são organizados os referenciais teóricos e práticos que servirão de base de estudo e produção arquitetônica nos anos seguintes.

Durante esse processo de desenvolvimento da Arquitetura Moderna, duas características marcantes são desenvolvidas particularmente na Europa: a racionalidade e o rompimento com o passado. Salienta-se que este período de maturação da arquitetura moderna desenvolve-se no período entre as duas Grandes Guerras (1918-1939). Este fato pode ser entendido como uma resposta inicial às necessidades oriundas das destruições causadas na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), aliados às (1) novidades tecnológicas como o automóvel e o avião, às (2) transformações sociais como a gradual emancipação da mulher, à (3) crença e desejo de que a arquitetura poderia promover soluções para uma nova sociedade mais justa e igualitária. Em suma, uma crença no futuro que resultou no nascimento do que hoje é classificado por Estilo Internacional ou Racionalismo, bem como da Escola Bauhaus, fundada em 1919, na qual formaram-se artistas modernos que passaram a contribuir proficuamente para o design e arquitetura no século XX. Entre 1939 e 1945 ocorre a Segunda Guerra Mundial a qual castigará de forma mais direta o continente Europeu. Neste período, a Bauhaus é fechada e os principais representantes europeus da arquitetura moderna, entre eles Gropius e Mies van der Hohe, migram para a América uma vez que não encontravam condições de trabalho em seus países de origem (GYMPEL, 2001).

Finda a Segunda Guerra, fazia-se necessário a construção de moradias para milhões de pessoas que se encontravam desabrigadas vivendo entre os escombros. Se antes, a arquitetura moderna objetivava a melhoria das condições de habitação sob um prisma social e ideológico, agora se tratava de uma necessidade emergencial. De acordo com Gypmel (2001), as construções resultantes pautadas na racionalidade dos espaços, rapidez de construção, restrições financeiras e decorrentes da tecnologia e necessidade, implicaram em paisagens urbanas monótonas. A baixa qualidade plástico-formal proporcionou aos usuários não só a falta de identificação com as obras arquitetônicas como também a falta de um vislumbre de perspectivas de um futuro melhor, colaborando para um descrédito no discurso moderno uma vez que toda a tecnologia e possibilidade aclamada durante as décadas anteriores resultaram não só em possibilidades construtivas, mas também, nas destrutivas. Essa série de acontecimentos vem em última instância a colaborar para o fim da euforia quanto ao progresso e, conseqüentemente, para o declínio da arquitetura moderna racionalista.

Para Fuão (1999), com a ascendente importância de outras ciências humanas, houve uma crescente crítica ao Movimento Moderno em especial quanto à perda do significado da arquitetura somada à perda de identidade das cidades. Face às constatações de repulsa à arquitetura moderna, houve uma tentativa dos modernistas em elaborar obras condizentes à realidade do pós-guerra, em uma linguagem contemporânea às mudanças sociais e tecnologias disponíveis, propondo soluções não atendidas pelo modo puramente racionalista de desenvolvimento de projetos. Esta nova faceta da Arquitetura Moderna recebe o nome de Novo Brutalismo, assim denominada em virtude de sua principal estratégia compositiva onde todos os elementos mostravam-se aparentes em especial o concreto armado com as marcas de suas fôrmas construtivas, o que conferia às obras um aspecto literalmente bruto onde a verdade dos materiais era ressaltada na sua máxima potencialidade. Sob este contexto, concorda-se com Fuão (1999) quando define o Brutalismo como a última trincheira do movimento moderno, pois se entende que este foi pautado por uma postura moral frente à sociedade em uma crença no desenvolvimento da essência humana.

3 BRASIL: A CONSTRUÇÃO DO MODERNO

Muito embora tenham ocorridas experiências da arquitetura moderna no Brasil desde fim dos anos de 1920, como exemplo o projeto de Gregori Warchavchik para sua residência em São Paulo (1928) é, porém, com o edifício do Ministério da Educação e Saúde - MES que se pode estabelecer uma obra inaugural. Ele não só apresenta os preceitos básicos da nova arquitetura estabelecidos por Le Corbusier, como, ainda, reúne em sua equipe profissional arquitetos que nos anos seguintes serão responsáveis pela produção artística, arquitetônica e paisagística de maior expressividade

no Brasil. Cabe ressaltar que no afã de modernizar-se, a escolha pela linguagem de Le Corbusier em detrimento aos outros grandes mestres, se dá em virtude dele ser o arquiteto que de fato formulou e organizou referenciais teóricos quanto à Arquitetura Moderna, sendo seu maior propagandista à época. Além disto, os meios e técnicas de construção propostos, com especial uso do concreto armado, não exigiam uma mão de obra especializada sendo que, entre os Quatro Grandes, Le Corbusier é o que melhor atende por meio de suas teorias e práticas as condições necessárias para que possa ser desenvolvida uma linguagem arquitetônica nacional (COLIN, 2000).

Outro fator que colaborou de forma decisiva para o desenvolvimento da Arquitetura Moderna brasileira foi a sua possibilidade de continuidade no âmbito da prática e da teoria. Livres dos bombardeios que assolavam a Europa e que lá interromperam as construções e o debate teórico, no Brasil ocorre um processo ininterrupto das discussões e desenvolvimento referentes à arquitetura moderna. Segawa (1999), afirma que a guerra é continuamente associada à destruição, mas que no caso da América e em especial ao Brasil, garantiu um período positivo no que se refere à economia e cultura, estimulando o desenvolvimento da indústria decorrente da importação de equipamentos com custos reduzidos. Enquanto após o fim da Grande Guerra, a Europa passava por um processo de necessidade de reconstrução aliada a um sentimento de descrença nos processos tecnológicos representados pelo discurso da arquitetura racionalista, no Brasil ocorre um processo inverso onde não só a nova linguagem amadurece, mas também, frente à pujança econômica, é associada ao progresso e assim a um futuro promissor, onde o país iria destacar-se no cenário mundial.

Além da credibilidade no futuro retratada pela produção arquitetônica propriamente dita, fazia parte da pauta de discussões dos modernistas assuntos referentes à catalogação e preservação do patrimônio histórico, pois se entendia que no processo de construção da identidade do homem brasileiro, era necessário salvaguardar seu passado.

A singularidade do Modernismo brasileiro reside na ação concomitante e dialética de nossos intelectuais no desejo de construção utópica de um passado e um futuro para a arte e para o próprio País. Na Europa, correntes modernistas se opunham a tradicionalistas. Aqui, a única ruptura se deu em relação aos estilos ecléticos provenientes do final do século XIX. (CAVALCANTI, 2000, pág. 09)

Em síntese, no Brasil o passado é entendido como uma fonte de referências para manifestações originais, e ao contrário, na Europa, procurou-se desenvolver um sentimento claro de rompimento com esse passado o que resultou inclusive em ações de demolições de antigos monumentos e patrimônios arquitetônicos. Bruand (2003) reforça a idéia de especificidade no caráter moderno brasileiro quando afirma que a tentativa de conciliar os aspectos históricos, traduzida pela tradição local, à linguagem moderna, reflete em um importante aspecto que acaba por colaborar com o desenvolvimento da Arquitetura Moderna no Brasil, conferindo-lhe originalidade uma vez que se trata de um posicionamento de abordagem projetual não observado até então nos demais países onde há a analogia entre tradição e modernidade.

Nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, o país passa por um processo de acelerada ampliação industrial, consequentemente com crescimento urbano e incentivo ao desenvolvimento de outras regiões do território nacional. Em decorrência de uma política de ocupação do interior do território nacional, novas oportunidades são ofertadas em cidades planejadas e implantadas no interior do Brasil, em locais por vezes inóspitos. Bruand (2003) cita os exemplos das cidades surgidas no Paraná às plantações de café quando foi implantada uma rede densa de cidades. É quando surge Londrina, fundada em 1933, ou Maringá, em 1947, concebidas como cidades pólo e possuidoras de propostas urbanas diferenciadas em relação às demais. A consagração desse momento de euforia coletiva é representada pela concepção, construção e inauguração da nova capital federal brasileira entre 1957 e 1960 (PEREIRA, M. 2010). Brasília, segundo os autores, passa então a representar a própria materialização da Utopia Moderna uma vez que se transforma em símbolo de um tempo pautado na promessa de um futuro de justiça social, prosperidade e fraternidade que, de longa data, fazia parte dos ideais político-sociais dos engajados ao progresso da coletividade, bem como da própria sociedade brasileira. Com a concretização da nova capital pode-se dizer que se atinge o ápice desta fase áurea ou quicá, romântica, da arquitetura moderna brasileira Neste sentido, há um saturamento da linguagem que vinha sendo desenvolvida nas últimas décadas, reforçado pela constatação de que a arquitetura por si só era incapaz de promover as transformações político-sociais no plano real tão ambicionada pela realização da utopia da cidade moderna que, em síntese, trazia em seu discurso a construção de uma sociedade desprovida de diferenças sociais e econômicas. Esta comprovação, somado ao golpe militar de 1964 o qual gerou um clima de repressão política frente à cultura brasileira nos vinte anos seguintes, colaborou para a promoção desta fadiga à proposta Moderna (ZEIN, 2010).

Cabe dizer, que estes acontecimentos de forma alguma interromperam a produção arquitetônica brasileira, basta lembrar que os anos das décadas de 1960 e 1970 são conhecidos como os anos do **Milagre Brasileiro**, caracterizados pelo crescimento industrial e de profissionais no mercado em virtude do aumento de vagas universitárias. Assim, concorda-se com Pacheco (2004), quando o autor afirma que o brutalismo característico da denominada Escola Paulista deve ser compreendido como uma continuidade do Movimento Moderno que o revê sem interrompê-lo, transformando-se em uma maneira de reação do próprio Movimento contrário às idéias de revisões saudosistas e de novas propostas arquitetônicas desprovidas de sentido. Sendo assim, adota-se o fundamento de que não haja uma Escola Carioca e uma Escola Paulista antagonica a primeira e sim uma única Arquitetura Moderna Brasileira que passou por processos de transformações.

4 PARANÁ, UM ESTADO MODERNO

O Paraná possui em sua trajetória ciclos econômicos particulares que influenciaram de forma significativa a construção de sua paisagem. O início da intervenção antrópica de viés lusitano na paisagem paranaense foi marcada pelo Ciclo do Ouro na região litorânea do Estado nos séculos XVI e XVII; seguido pelo Ciclo do Tropeirismo com foco na região da cidade da Lapa nos séculos XVII e XIX dando lugar ao Ciclo da Erva-Mate no interior do estado nas décadas de 1830 a 1930. Nesta sequência, quase que em paralelo a este último, dá-se o Ciclo da Madeira período que vai de 1890 a aproximadamente 1945, seguido pelo Ciclo do Café, praticamente encerrado com a geada de 1975, cede seu o lugar ao Ciclo dos Grãos. Esta sucessão de acontecimentos marcados pelos diversos ciclos que por vezes se sombrearam, percebe-se que, em especial as regiões Norte e Oeste tiveram uma ação de ocupação efetiva somente a partir do século XX. É neste período que se busca aprofundar um pouco mais a pesquisa com a intenção de resgatar os fatos e as decorrências destes na formação da paisagem paranaense. Assim segue o tema da Arquitetura e Urbanismo Moderno no Paraná.

4.1 ARQUITETURA MODERNA NO PARANÁ

O Paraná no início do século XX apresentava uma extensão territorial quase que inteiramente desocupada, sendo que, a esse tempo, as lideranças intelectuais e políticas da capital, Curitiba, mostravam-se preocupados em construir um ideário de cidade civilizada que permitisse promover as condições necessárias à sua projeção no cenário nacional (DUDEQUE, 2001). Desta forma, justificam-se os motivos das primeiras manifestações Modernas terem surgido em um primeiro momento em Curitiba e, posteriormente, no restante do Estado.

Segundo Dudeque (2001), no que concerne à arquitetura, o pioneiro Moderno em Curitiba foi Frederico Kirchgäsner (1898-1988). De origem alemã, residente no Brasil desde a idade de um ano, o arquiteto, formado em curso por correspondência da *Deutsche Kunstschule*, de Berlin e da *Architektur System Karnack-Hachfeld*, de Potsdam, Alemanha, foi o responsável pela elaboração e execução de sua própria residência, já em 1930. Lembre-se que a primeira obra oficial Moderna no Brasil, foi a residência de Gregori Warchavchik em 1928 na cidade de São Paulo e que esta, devido à dificuldade técnico-construtivas, sofreu algumas adaptações tais como a execução com paredes autoportantes de tijolos, substituição da cobertura tipo terraço por telhas de barro escondida pela platibanda, ou as janelas de canto que foram executadas com apoios escondidos. Kirchgäsner, procurando seguir os preceitos racionalistas em discussão na Europa daqueles tempos, constrói sua residência com uma diferença de apenas dois anos em relação à sua antecessora, sendo uma obra provida de terraços de concreto, aberturas de arestas, portas de correr e a utilização de concreto armado. Salienta-se que se tratava de uma obra implantada em uma cidade pequena, considerada quase que uma província, logo, com recursos técnicos e de mão-de-obra mais escassos (figura 01).

Figura 01 – Vista da Casa Frederico Kirchgäsner (1930) – Curitiba.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2009.

Gnoato (2009), afirma que Kirchgäsner executou ainda outra casa em Curitiba seguindo a mesma linguagem, desta vez para seu irmão, em 1936 e que estas, embora não tenham tido desdobramentos, apresentam um apelo simbólico para o desenvolvimento da modernidade que viria a se estabelecer nos anos vindouros em personagens como Rubens Meister, Romeu Paulo da Costa, Ayrton “Lôlo” Cornelsen ou Elgson Ribeiro Gomes. Este grupo de profissionais são os responsáveis pelas principais obras Modernas desenvolvidas em Curitiba, seguindo um caráter de influência corbusiana característico deste período, do final dos anos de 1940 até meados dos 60, quando é criado o

primeiro curso de arquitetura paranaense, na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Entre as obras deste período, merece destaque o Teatro Guaíra de Curitiba (Figura 02), projeto executado entre os anos de 1948 e 1974, de autoria de Rubens Meister, com influência do Palácio dos Soviéticos em Moscou (1931) de Le Corbusier.

Figura 02 – Vistas do Teatro Guaíra de Curitiba (1948-1974).



Fonte: Elaborado pelos autores, 2009.

A importância deste edifício, segundo Gnoato (2009), está em sua expressão plástico-formal e na sua capacidade de transformar-se em um paradigma de desenvolvimento econômico do Paraná durante aquele período. À exemplo do que ocorrera na esfera Federal na década de 1930, quando o país quis mostrar-se moderno e fora construído o MES, agora, pela ação do Estado representado pela figura do governador Bento Munhoz da Rocha, ocorria uma série de realizações arquitetônicas, dentre elas o Centro Cívico de Curitiba (1952). A obra, coordenada por David Xavier de Azambuja é de autoria de equipe estabelecida no Rio de Janeiro e mostra-se em sintonia com a linguagem empregada pelos principais arquitetos do país àquele tempo como pode ser percebida pelo Palácio do Iguazu apresentado na figura 03.

Figura 03 – Vista do Palácio do Iguazú (1952).



Fonte: Elaborado pelos autores, 2005.

A criação, em 1962, do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR acaba por coincidir com o momento de ápice da Arquitetura Moderna Brasileira sob influência carioca. É um período particular, marcado pela recém inaugurada Brasília e o conseqüente consagração dos arquitetos brasileiros no âmbito mundial. Neste contexto cabe ressaltar a influência de arquitetos paulistas que inicialmente migraram para Curitiba na década de 1960 e colaboraram para a criação do curso da UFPR. Estes arquitetos são os responsáveis pela introdução no Estado dos princípios da que se costuma denominar de Escola Paulista, vinculada aos preceitos do brutalismo em voga especialmente após o Golpe de 64. Após um primeiro período de adaptação à nova cidade, ocorre um processo de reinterpretação da produção arquitetônica decorrente das condicionantes locais, sejam elas climáticas, culturais ou econômicas. Os arquitetos no Paraná passam a explorar as potencialidades plásticas do concreto por meio da elaboração de painéis com composições geométricas e trabalham o edifício em altura seguindo o padrão erudito-acadêmico: base,

torre e coroamento. Passam a agregar em suas propostas, elementos de valor simbólico para os paranaenses – a madeira – promovendo uma linguagem com características regionais. Assim, a arquitetura no Paraná desenvolve uma linguagem peculiar, posteriormente refletida a nível nacional por meio de obras fruto da participação das equipes paranaenses, em concursos públicos. Dentre estes, talvez o mais emblemático seja a do Edifício sede da Petrobrás – EDISE (1967-1968), construído em 1973 no Rio de Janeiro (figura 04).

Figura 04 – Vista do Edifício Sede da Petrobrás - Edise, RJ.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2008.

Conforme Pacheco (2004), este edifício de autoria da equipe formada pelos arquitetos Roberto Gandolfi, José Hermeto Palma Sanchotene, Abraão Assad, Luis Forte Neto, José Maria Gandolfi e Vicente Castro, consagra os arquitetos paranaenses que vivem um período de intensas e seguidas vitórias em concursos nacionais e internacionais até os anos de 1980, fato que lhes garantiu o nome de *Grupo Paraná* ou, também, de *Papa-concursos*. Como consequência destes acontecimentos, desde o fim da década de 1960, jovens arquitetos recém formados em Curitiba, buscam dar continuidade aos ideais de modernidade e progresso quando migram para os centros urbanos no interior. A esse grupo, se juntaram outros oriundos de outras partes do país, em especial do estado de São Paulo, que colaboraram para o desenvolvimento do Estado de tal modo que em 1979 é criado o curso de arquitetura e urbanismo na Universidade Estadual de Londrina – UEL.

4.2 A OCUPAÇÃO DO PARANÁ: UMA PROPOSTA MODERNA PARA O ESTADO

No processo de construção da história decorrente da ocupação do interior do Paraná, podem-se observar dois procedimentos disjuntos e complementares. Verifica-se que, simultaneamente à derrubada das matas para sua colonização, produzia-se uma arquitetura pautada no conhecimento vernacular dos imigrantes por meio da utilização da madeira, característica esta que colaborou para a construção de uma paisagem peculiar, por vezes relacionada a certo romantismo nostálgico estruturada por edificações de madeira e atualmente tema de pesquisas acadêmicas preocupadas com sua preservação e resgate histórico. Esta forma de construção da paisagem se dá em paralelo a um segundo procedimento, consequência direta do próprio Movimento Moderno. Em decorrência desses processos, a arquitetura vernácula em madeira e as de influências oriundas de maiores centros com projeção nacional como São Paulo, colaboram para construção do que se entende por identidade cultural. Este processo identitário caracterizado por uma constante evolução e sedimentação a partir do desenvolvimento da história resulta por parte dos paranaenses no desejo de valorizar o progresso entendendo este como parte do cotidiano. Materializa-se este progresso por meio da construção de obras com uma linguagem moderna e, se possível longe das antigas expressões em madeira, pois para alguns, estas representavam um passado rural e passaram a ser discriminadas inclusive em legislações urbanas como a de Curitiba e Londrina (FEIBER e FEIBER, 2008).

Paralelo a essa visão de futuro, verifica-se ações por parte de incorporadoras de interesse privado incentivadas pelo próprio Estado, na intenção de ocupar o território paranaense dentro dos preceitos vigentes à época do urbanismo progressista. Destes processos de ocupação, destacam-se as ações da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP, que projetou e implantou uma rede de cidades interligadas numa rápida e bem sucedida ocupação do norte do Estado, dentro de um conceito moderno e pioneiro de ocupação territorial até então não experimentado no Brasil. Segundo Endlich e Moro (2003), o planejamento da CMNP previa a elaboração de rede urbana interconectada por núcleos menores equidistantes em aproximadamente quinze quilômetros e, a uma distância maior próximos aos cem

quilômetros definidos pelas cidades de maior porte, pólos regionais. A intenção era a de que as cidades menores suprissem as necessidades básicas da população para sua subsistência e as maiores, oferecessem os serviços e produtos de menor demanda. Esta estratégia de distribuição de núcleos urbanos colaborou para que em especial as cidades pólo obtivessem um traçado original diferenciado.

Rego (2009) afirma que essa condição proporcionou uma oportunidade às novas urbes paranaenses: de que fossem concebidas como cidades ideais, assumindo formas com caráter mais abstrato e afastando-se do padrão em grelha que se mostra indiferente e previsível. Neste processo de ocupação, o norte paranaense foi ocupado e ordenado de forma rápida e eficaz tendo como ideário referencial as cidades jardins, sendo que dos inúmeros núcleos urbanos criados, as cidades pólo de Londrina e Maringá ganham destaque não apenas econômico, mas principalmente por suas características paisagísticas intimamente relacionadas à qualidade de vida.

Segundo Bortolotti (2007), o desenho original de Londrina é de 1932, de autoria de Alexandre Razgulaeff, sendo o traçado definido a partir da linha férrea e o restante caracterizado por uma malha ortogonal. A partir daí, polarizando as atividades de comércio e prestação de serviço, foram localizadas a Catedral no ponto mais alto e a estação ferroviária, uma cota mais baixa. Com o processo de colonização, houve a ampliação do fluxo de pessoas e cargas o que, além de aumentar a abertura de novas estradas, colaborou para a rápida expansão territorial da cidade. Fortalecida pelo cultivo do café, Londrina passa por intenso processo de desenvolvimento econômico e consequentemente urbano, fato este visível com a presença já na década de 1950 do aeroporto da cidade, sendo este o terceiro em movimento de aeronaves do Brasil com vôos diários a São Paulo e Curitiba. No que se refere à arquitetura propriamente dita, destaca-se o investimento em obras que colaboraram para a mudança do perfil cênico da cidade, como o Cine Ouro Verde, a Estação Rodoviária, o Edifício Autolon e a Casa da Criança, obras do renomado arquiteto João Batista Vilanova Artigas, arquiteto de origem paranaense, porém radicado em São Paulo que posteriormente seria o mentor intelectual da chamada Escola Paulista.

Outro núcleo urbano no norte paranaense que merece atenção devido a suas qualidades espaciais urbanísticas e arquitetônicas é Maringá. Segundo Meneguetti (2003), o projeto original da cidade teve como inspiração as cidades-jardins em conjunto com a Carta de Atenas de 1933. Ao longo do tempo, houve outros fatores, tal como os novos loteamentos que, por vezes priorizaram a especulação imobiliária, desta forma intervinda no processo de desenvolvimento da proposta inicial de desenho urbano. Assim, atuaram como vetores condicionando e induzindo a consolidação espacial e funcional da forma urbana a qual se entende seja a manifestação estética da cidade que tem como objetivo a comunicação, a qual é percebida pelos usuários por meio de seus sentidos. Dentre esses elementos, responsáveis pela construção da imagem da cidade, pode-se citar a título de exemplo, a rua, a praça, a vegetação, os monumentos e o mobiliário urbano entre outros. O desenho resultante da concepção inicial de Maringá lhe foi bastante favorável, pois colaborou para que a cidade ao longo de suas naturais ampliações pudesse promover uma paisagem urbana de caráter particular.

Para Verri Jr. (2003), no que concerne à produção arquitetônica de Maringá, o arquiteto José Augusto Bellucci é considerado o principal profissional responsável pela elaboração de projetos que contribuíram para a construção de sua paisagem urbana por meio da edificação de obras que se tornaram referenciais e mesmo sinônimos da identidade da cidade. Estabelecido em São Paulo, Bellucci desenvolveu entre outros os projetos do Grande Hotel Maringá, do Maringá Clube e a Catedral de Maringá (figura 05). O projeto concebido em 1958, tem sua materialização e inauguração em 1972, sendo executada em concreto, atinge uma altura de 114 metros somadas a 10 metros de sua cruz, totalizando 124 metros.

Figura 05: Vista Parcial da Catedral de Maringá – PR.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2011.

Devido à suas características formais, onde é estruturado a partir de uma planta circular e desenvolvimento cônico, somadas à sua verticalidade e preservação de entorno, a obra garante uma configuração de fácil leitura e interpretação, destacando-se na paisagem urbana devido à sua alta pregnância formal. Esta obra como as demais de Bellucci colaboraram para a vinculação da Arquitetura Moderna aos ideais de prosperidade e igualdade social almejados pela população da região, a qual passa à associá-la com à idéia de futuro promissor. A importância de Bellucci está não apenas na construção da imagem de Maringá, mas a do próprio Paraná como um estado moderno e progressista em sintonia com as melhores produções arquitetônicas brasileiras iniciando um processo de transformação do conceito de um Estado com atividades apenas agrícolas para um patamar de industrializado.

A estrutura econômica paranaense foi convertida de um sistema dependente que era monocultura do café, para uma agricultura diversificada. Desta forma, iniciou-se um processo de industrialização que por sua vez foi intensificado no setor comercial e de prestação de serviços. (GNOATO, 2009, pág. 68),

Este processo de mudança é alavancado após a Grande Geada de 1975 que acabou por incentivar a diversificação das culturas agrícolas e desenvolvimento industrial nas décadas seguintes. Importa dizer, que tem seu início coincidente com a construção de Brasília, o que acabou por colaborar na abertura de novas frentes de colonização do Estado a partir dos anos de 1950, desta vez no Oeste paranaense. Neste, ao contrário da região Norte, há carência de estudos mais elaborados que possam relatar com precisão os procedimentos e estratégias de ocupação e colonização do território no oeste paranaense. De qualquer modo, a linguagem Moderna foi também empregada e absorvida pela população que ali se estabeleceu. Pode-se tomar como exemplo do desenvolvimento regional a cidade de Cascavel, desenvolvida aos moldes do urbanismo progressista em voga no Brasil daqueles tempos. Como em outros casos de colonização do estado, há num primeiro momento o desenvolvimento da arquitetura em madeira e posteriormente, com o mesmo intuito de se mostrar civilizado, ocorre a negação do uso deste material, desenvolvendo-se uma influência da arquitetura desenvolvida em maiores centros e, de forma particular, com a capital, Curitiba. Neste momento a influência do brutalismo paulista é bastante evidente, pois é quando está em plena discussão no âmbito nacional. Com esses acontecimentos, repete-se a partir do final da década de 1960, o processo de transformação da paisagem urbana ocorrida anteriormente no norte do Estado, sob a flexibilidade construtiva caracterizada pela linguagem promovida pelo concreto armado. Originários deste período é o projeto de intervenção urbana da Avenida Brasil, de autoria de Gustavo Gama Monteiro, a qual estrutura toda a cidade no sentido leste-oeste, seguindo o espigão principal da região, caracterizada pela sua caixa de 70 metros e extensão de 10.200 metros, cuidadosamente arborizada e priorizando o fluxo do automóvel (FEIBER e TURMINA, 2010).

Ainda, de acordo com os autores outra contribuição relevante do mesmo arquiteto é a Catedral Nossa Senhora Aparecida, projetada em 1966 e inaugurada em 1974 (Figura 06). Esta obra também se mantém em concordância com o ideário moderno do concreto bruto em voga na época, destituída de verticalidade, destaca-se pela sua concepção estrutural em forma de leque remetendo ao véu da Padroeira. Sua forma plástica é configurada pela laje plissada dividida em dezoito gomos que é engastada ao final do altar, onde se localiza a sacristia de formato circular, e apoiada em dezoito pilares poligonais à entrada do edifício, constituindo um vão livre com mais de 30 metros que configura a nave em forma de anfiteatro.

Figura 06 – Vista da Catedral de Cascavel (1968).



Fonte: Elaborado por João Paulo Turmina, 2010.

Assim como ocorrera em um primeiro momento da colonização do Norte do Paraná, Cascavel e, de modo geral, toda a região Oeste paranaense, tem como ciclo inicial a exploração da madeira nativa, madeira esta que contribui no

desenvolvimento da linguagem de Vilanova Artigas na sua fase brutalista quando, ao deixar as marcas das formas em suas obras organizadas na vertical, fazem uma alusão às casas de madeira paranaense com as quais convivera na sua infância. O período inicial de colonização do oeste, como inicialmente relatado, coincide com a construção da Capital Federal, Brasília sendo que o grande canteiro de obras instalado no serrado de certa forma representava o próprio Brasil como um todo e a utopia que se acreditava possível para o país. Suas construções, por vezes monumentais, foram abastecidas em grande parte pelas madeiras dos pinheiros paranaenses, empregadas em suas fôrmas que moldavam as obras de Oscar Niemeyer o que, de certo modo cria um vínculo mais estreito entre a Arquitetura Moderna e o Paraná.

5 A TÍTULO DE CONSIDERAÇÕES

A cidade não conta a história, ela a contém como as linhas da palma da mão
Ana Fani

Alicerçada pelo pensamento acima, este trabalho finda na expectativa de ter contribuído para enaltecer a importância do conhecimento das raízes identitárias paranaenses que estão, conforme a autora supracitada, presentes nas obras arquitetônicas e no desenho de suas cidades. Sendo assim, ao final deste trabalho, que teve como objetivo explanar de modo geral a influência do Movimento Moderno na construção da paisagem arquitetônica do Paraná e por consequência de sua própria identidade, pode-se elencar algumas reflexões. Entre elas, fica particularmente clara a conotação simbólica, a qual relaciona o Movimento da Arquitetura Moderna Brasileira a uma utopia, presente e recorrente em textos da literatura e documentação especializadas. Pode-se dizer neste contexto, que o Movimento Moderno, ou Modernismo como preferem alguns autores, corresponde a um período romântico, no qual havia uma sincera boa intenção em transformar o mundo e a crença neste mundo perfeito. Tal qual a personagem de Dom Quixote de Cervantes, investindo contra moinhos de vento que acreditava serem temíveis inimigos, com o tempo e a realidade, os ideais promulgados pelos Modernos mostraram-se em sua maior parte uma ilusão.

No que concerne ao Paraná, pode-se observar sua predisposição a identificar-se com os preceitos do Movimento, seja no pioneirismo de Kirchgäsner, no urbanismo de vanguarda de Curitiba, na produção do Grupo Paraná, nos planos de colonização da CMNP ou nas fôrmas de Brasília. Seja como for, todas as temáticas acima citadas oferecem uma gama quase que inesgotável de estudos e futuras pesquisas, podendo-se inclusive arriscar a afirmação de que a maior parte delas encontra-se quase que totalmente desprovidas de estudos aprofundados, oferecendo novas possibilidades de interpretações que possam colaborar com a reconstituição da história, trazendo luz ao meio acadêmico de tal modo a fazer-se reconhecer pela sociedade. Esta necessidade se faz latente devido ao predicado dinâmico observado no Paraná no qual a população desenvolveu-se habituada às transformações de cunho progressistas e, desta forma, por vezes sem ater-se à importância de suas obras produzidas com certo ineditismo. No fomento desta ação, pode-se retomar o tema da colonização norte paranaense, quando do desenvolvimento de obras com linguagem visual que evocavam o progresso, trabalho, eficiência e modernidade. Naquele momento histórico, percebe-se a influência principalmente da arquitetura desenvolvida no estado de São Paulo quando, com a contratação de profissionais de escritórios lá instalados, desenvolvem projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo em diversas cidades paranaenses, em especial no norte do Estado. Pode-se citar como exemplos a antiga rodoviária de Londrina de 1951, atual Museu de Arte, de João Batista Vilanova Artigas (figura 07) ou ainda a Catedral de Maringá, projeto de José Augusto Bellucci em 1958. Desta forma, obras de expressão financiadas pela iniciativa privada e apoio do poder público, somadas às promovidas pela própria população, contribuíram para a transformação e construção da paisagem do Paraná, tornando-se elementos de identidade para suas cidades e também do Estado. Se considerados todos estes acontecimentos históricos materializados pela sua produção arquitetônica, no entanto, pode-se observar na atualidade, em diversas cidades do Estado, o fato desse patrimônio Moderno estar sendo esquecido e mesmo em fase de desaparecimento, sem cumprir seu papel de maior importância, o registro histórico ou, como dizem os, arqueólogos, na construção do Livro de Pedra da Arquitetura.

Figura 07 – Vista da Antiga Rodoviária de Londrina, Atual Museu de Arte.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2007.

Se respeitado as diferentes maneiras de se examinar e escrever a história de dada cultura, verifica-se que a arquitetura oferece uma evidente particularidade capaz de retratar os modos como determinada sociedade se organizava no seu espaço-tempo isto porque ela, a arquitetura, é um testemunho desvinculável do seu lugar. Deste modo, faz-se importante sensibilizar a sociedade, o poder público e o meio acadêmico no sentido de conscientizar e informar sobre os processos de construção da identidade promovida pela Arquitetura Moderna, de tal modo a salvaguardar sua memória e promover os princípios norteadores para possíveis intervenções. Ainda, para que os valores a ela atribuídos possam colaborar na organização de novos parâmetros para a elaboração dos projetos do presente de tal modo a propagar seu valor artístico-cultural inerente à produção arquitetônica e esta, em consonância com seu próprio tempo. Concorda-se com Tedesco (2004) que, frente à premência em se conservar as obras de relevância à história de dada localidade, afirma que os patrimônios culturais são os **Guardiões da Identidade** e, desta forma, a sociedade necessita deste fio-condutor que conecta o passado, presente levando-o a um futuro promissor, para que possa seguir adiante em sua história.

Na organização deste trabalho, importa dizer também, que não se quer afirmar que exista uma arquitetura moderna paranaense, com uma linguagem particular ou inovadora embora por vezes tenham ocorrido. Acredita-se sim, que exista uma expressão ou interpretação regional de uma única Arquitetura Moderna Brasileira, motivadas por razões especiais e que o Paraná oferece um amplo e quase inexplorado exemplo da materialização dos preceitos ideológicos Modernos por meio do urbanismo, de manifestações arquitetônicas particulares, de motivações políticas e intelectuais. O Estado como um todo oferece o resultado físico de experiências concebidas no espírito de uma época e que são raramente encontradas, se é que o são, em outras regiões.

Neste sentido, soma-se à idéia utópica em que mergulhou o Brasil entre os anos pioneiros da Arquitetura do Movimento Moderno, no final da década de 1920, e a constatação de sua incapacidade ou impossibilidade de, por si só, transformar a sociedade. Sob este aspecto, no que se refere à arquitetura e ao urbanismo produzido no Paraná, segue o mesmo exemplo de outras localidades do território brasileiro quanto às experiências aqui realizadas, o que vem ao encontro do pensamento de Godoy (2003) quando afirma que:

a denominada utopia racionalista foi particularmente brilhante no Brasil, permitindo-me encontrar em quase todas as nossas cidades, ao menos um exemplar de arquitetura moderna de excelente qualidade...Infelizmente, dilapidado dia-a-dia. O Brasil é talvez um dos países que possui o maior e um dos mais expressivos acervos de arquitetura moderna do mundo e poucos o conhecem. (GODOY, 2003, pág. 114)

Por fim, reforça-se o exposto no início deste trabalho, quando dito que não o pretende finalizado, mas sim o início de uma possibilidade. Esta, de contribuir com o fomento da discussão já iniciada no meio acadêmico em diversas instituições de ensino e pesquisa de arquitetura e urbanismo distribuídos nas várias regiões do Estado. Acredita-se que a implantação desses novos cursos no interior do Paraná, a maioria deles já no novo milênio, possam cumprir sua função ética, social e profissional que é a produção do conhecimento e este poderá ser mais facilmente construído se os trabalhos forem elaborados ou pensados em uma grande rede, por mais que isso possa ser uma idéia utópica.

REFERÊNCIAS

- BORTOLOTTI, J. B. **Planejar é Preciso: memórias do planejamento urbano de Londrina**. Londrina: Midiograf, 2007.
- BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil** – 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CARLOS, A. F. A.. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1996.
- CAVALCANTI, L. (organizador). **Modernistas na Repartição** – 2ª edição. Rio de Janeiro: UFRJ/Minc/IPHAN, 2000.
- COLIN, S. **Uma Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: Uapê, 2000.
- DUDEQUE, I. J. T. **Espiraís de Madeira: uma história da arquitetura de Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001.
- ENDLICH, A. M.; MORO, D. A. **Maringá e a Produção do Espaço Regional**. In. MORO, Dalton Aureo (org.). Maringá Espaço e Tempo, Ensaios de Geografia Urbana. Maringá: UEM, 2003.
- FEIBER, F. N.; TURMINA, J. P. **Brutalismo no Paraná: paisagem cultural e patrimônio arquitetônico Moderno em Cascavel/PR**. (Resumo). Recife/Olinda: 19CBA – 19º Congresso Brasileiro de Arquitetos: arquitetura e transição, 2010.
- FEIBER, F. N.; FEIBER, S. D. **Intervenções na Paisagem Urbana e o Risco da Fragmentação Cultural: o caso de Cascavel, Paraná**. In. TERRA, Carlos Gonçalves; ANDRADE, Rubens Oliveira de. Coleção Paisagens Culturais vol. 3. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, 2008.
- FUÃO, F. F. **Brutalismo, a Última Trincheira do Modernismo**. Anais do 3º Seminário DOCOMOMO Brasil: a Permanência do Moderno. São Paulo: Docomomo, 1999. Disponível em: http://www.docomomo.org.br/seminario%203%20pdfs/subtema_A1F/Fernando_fuao.pdf Acesso em 17 de abril de 2011, às 11h10min.
- GNOATO, S. **Arquitetura do Movimento Moderno de Curitiba**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.
- GODOY, T. Y. **Três Pioneiros da Arquitetura Londrinense Ivan Jekoff, Léo de Judá Barbosa e Luiz César da Silva**. In. SZMRECSANYI, Maria Irene; ZANI, Antônio Carlos (orgs.). Arquitetura e Cidade no Norte do Paraná. São Paulo: FAUUSP/UEL, 2003.
- GYMPEL, J. **História da Architectura: da antiguidade aos nossos dias**. Colônia: Könemann, 2001.
- MENEGUETTI, K. S. **Maringá: o Desenho Urbano, a Imagem da Cidade e a Qualidade de Vida**. In. MORO, Dalton Aureo (org.). Maringá Espaço e Tempo, Ensaios de Geografia Urbana. Maringá: UEM, 2003.
- PACHECO, P. C. B. **O Risco Paraná e os Concursos nacionais de Arquitetura 1962-1981**. Curitiba: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pesquisa e Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004.
- PEREIRA, M. S. **A Utopia e a História. Brasília: entre a certeza da forma e a dúvida da imagem**. In. GUERRA, Abílio (org.). Textos Fundamentais sobre História da Arquitetura Moderna Brasileira – volume 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- REGO, R. L. **As Cidades Plantadas: os Britânicos e a construção da paisagem do norte do Paraná**. Londrina: Humanidades, 2009.
- SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1999.
- TEDESCO, J. C. **Nas Cercanias da Memória**. Passo Fundo: UPF, 2004.

VERRI JR, Anibal. **O Arquiteto Bellucci e Alguns Marcos Arquitetônicos na História de Maringá.** *In.* SZMRECSANYI, Maria Irene; ZANI, Antônio Carlos (orgs.). *Arquitetura e Cidade no Norte do Paraná.* São Paulo: FAUUSP/UEL, 2003.

ZEIN, R. V. **O Lugar da Crítica: ensaios oportunos de arquitetura.** Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2003.

_____. **O Futuro do Passado ou as Tendências Atuais.** *In.* GUERRA, Abílio (org.). *Textos Fundamentais sobre História da Arquitetura Moderna Brasileira – volume 01.* São Paulo: Romano Guerra, 2010.